

**Mafalda De Faria Blanc, *Estudos sobre Heidegger*,
Lisboa: Guerra e Paz, 2018.**

A mais recente obra de Mafalda Blanc, *Estudos sobre Heidegger*, é uma obra de recapitulação e balanço do pensamento da autora em diálogo com Martin Heidegger. Na verdade, esta obra não é apenas, como o título reverentemente sugere, uma colecção de comentários especializados, que tem acompanhado a publicação das Obras Completas de Heidegger, pela editora Vittorio Klostermann (Francoforte-sobre-o-Meno); é, a nosso ver, uma recuperação a jusante de uma corrente de textos de cariz ensaístico, alicerçados numa hermenêutica de aprofundamento do sentido e da evolução do conjunto da obra publicada de Heidegger. Mafalda Blanc não é apenas uma intérprete competente das obras de Heidegger, é uma pensadora da família filosófica de Heidegger. Por isso, aquilo que a autora aqui diz sobre Heidegger é indiscernível daquilo que ela pensa sobre a essência da filosofia. Ora, tanto para a pensadora quanto para a leitora de Heidegger, a filosofia visa principalmente o ser, sendo, por isso, sobretudo, ontologia. Mas o acesso privilegiado ao ser não é o pensamento abstracto, é antes a existência humana e a experiência da temporalidade que nela se dá: é o “ser-aí”, lançado no mundo (*Dasein*), de *Ser e Tempo*. O acesso ao ser por via da existência humana marca o primeiro momento do itinerário filosófico de Heidegger: a analítica existenciária. Mas esta não deixa de ser uma via antropocentrada, o que constitui uma limitação, pelo risco de redução da ontologia fundamental a uma antropologia, mesmo que existencial, risco contra o qual Mafalda Blanc nunca se cansou de alertar ao longo do seu percurso hermenêutico. Daí o inacabamento da obra magna de Heidegger, *Ser e Tempo*, e a necessidade da viragem do seu pensamento para a via onto-história, na qual procura revisitar a história da filosofia como modo de apropriação temporal do ser pelo pensar.

Este é o período preferencial na hermenêutica de Mafalda Blanc sobre Heidegger, e também o eixo central do seu pensamento, enquanto filósofa heideggeriana, pois, em todos os seus estudos, há, em maior ou menor extensão, uma revisão em síntese da história da filosofia. Com efeito, ainda que respeitando e reenunciando os três ciclos que convencionalmente dividem e organizam o processo evolutivo do pensamento de Heidegger – a analítica existenciária, o período onto-história e o regresso à origem –, todos os dezassete estudos, que compõem esta obra, retomam e repensam a via onto-história como nervo daquele processo e mediação de todas as abordagens.

A hermenêutica de Mafalda Blanc privilegia o período onto-histórial em Heidegger, porquanto o próprio pensamento filosófico de Mafalda Blanc é onto-histórial. Todavia, a revisão em síntese da história da filosofia não é um fim em si mesmo; é a via de acesso, ou melhor, de regresso à origem do evento (*Ereignis*) de apropriação do ser pelo ente. É este terceiro momento da filosofia heideggeriana que se intensifica como horizonte do pensar de Mafalda Blanc, no qual se situam incisivamente os capítulos XII – “Filosofia e Teologia”, XIII – “O «Salto» – um outro modo de fundar no pensamento onto-histórial dos *Beiträge* de Heidegger”, e XVII – “Pensar a Origem”: nestes estudos, a autora não só rejeita firme e heideggerianamente a apropriação ontoteológica do sentido da origem, como busca outras possibilidades, que se inscrevem tendencialmente num pensamento revelacional.

Neste sentido, é de esperar novos capítulos e desenvolvimentos do diálogo de Mafalda Blanc com Martin Heidegger. Entretanto, *Estudos sobre Heidegger* é já um ponto culminante de maturação do pensamento filosófico de Mafalda Blanc, como membro da família de pensamento de Heidegger, e uma obra de referência nos estudos heideggerianos, nomeadamente, de língua portuguesa.

Maria Leonor Xavier
mlx@mail.telepac.pt

Marta Taffala, *Ecoanimal. Una estética plurisensorial, ecologista y animista*, Madrid: Plaza y Valdés Editores, 2019.

A vitalidade actual da estética da natureza descobre-se pelo aparecimento copioso, no panorama internacional da comunidade filosófica, de conferências e cursos, de números especiais de revistas e pela recente e abundante bibliografia dedicadas ao tema. Não obstante os passos fundamentais, no sentido de indagar o sentido do esquecimento da sensibilidade perante a natureza e conceber os limites de uma revitalização da apreciação estética do mundo natural terem sido empreendidos desde logo por um autor como Georg Simmel – com os ensaios *Die Alpen* (1911) e *Philosophie der Landschaft* –, a recuperação contemporânea do tema, na sua feição multiplicadora de perspectivas e profícuas linhas de investigação